

CORPO-FRETADO, CORPOS-FRETE, EQUIPE-FRETE: CORPOS ESPETACULARES DO CORTEJO FÚNEBRE DO FRETE EM CURUÇÁ-PA*

Valéria Fernanda Sousa Sales¹

Resumo: As relações de alteridade com o frete – ritual fúnebre da povoação São João do Abade, em Curuçá-PA –, que identificou corpos espetaculares do cortejo (corpo-fretado, corpos-frete, equipe-frete), bem como sua organização (Dona do frete) e nomenclatura (frete) dada pelos participantes do mesmo, que entendem o ritual como “uma mudança de casa” (casa-cemitério). A artista-pesquisadora-participante que envolveu um corpus de conhecimento na busca por possíveis origens do frete (História de Curuçá, Funeral Barroco, tradições fúnebres...), participou e integrou o ritual, identificou participantes fixos, momentâneos, regras, simbologias... Experimentou o corpo exausto (para acompanhar e registrar o fenômeno) e alterado pela ingestão de ca-

chaça... São elementos presentes na investigação que resultou na dissertação “Lágrima e cachaça: a espetacularidade do cortejo fúnebre do frete em São João do Abade, Curuçá-PA”, pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES/ICA/UFPA) sob a orientação da Dr^a Giselle Guillhon e coorientação do Dr. Miguel Santa Brígida.

Palavras-chave: Corpos Espetaculares, Cortejo fúnebre, Curuçá-PA.

Abstract: The relationship of alterity with frete - Funeral ritual of São João do Abade in Curuçá-PA - which identified spectacular procession bodies (body-fretado, bodies-frete, team-frete), as well as your organization (Dona do frete) and nomenclature (frete) given by the participants of it, who understand the ritual as "moving house" (home-cemetery). The artist-researcher-participant involved a corpus of knowledge in the search for possible sources of frete (History Curuçá, Funeral Baroque, funeral traditions ...), participated and joined the ritual, identified fixed participants, Momentary, rules, symbologies. .. experienced the weary body (to track and record the phenomenon) and amended by the rum intake ... are elements present in the investigation that resulted in dissertation "Teardrop and cachaça: the spectacle of the funeral procession of frete in São João do Abade, Curuçá-PA ", research conducted at the Graduate Arts Program (PPGARTES / ICA / UFPA) under the guidance of Dr. Giselle Guillhon and co-supervision of Dr. Miguel Santa Brígida.

Keywords: Spectacular Bodies, Funeral Procession, Curuçá -PA.

* Comunicação apresentada no I Encontro Nacional de Etnocologia, de 12 a 15 de abril de 2016, Salvador- Bahia.

¹ Mestra em Artes (PPGARTES/ICA/UFPA-2014), Especialista em Língua Portuguesa (UFPA-2005), Aperfeiçoada em Historicidade Étnico-Racial na Amazônia (SEDUC-PA/DEDIC/COPIR- 2010), Graduada em Letras (UFPA-2002), Técnica em Teatro (ETDUFPA- 2001), Atriz, Professora da SEDUC-PA, Acadêmica imortal da ACLAC (Academia Curuçãense de Letras, Artes e Ciências), Acadêmica correspondente e Delegada Cultural da ASBAERJ (Academia Soberana Brasileira de Artes do Estado do Rio de Janeiro), Integrante do TAMBOR (Grupo de Pesquisa em Carnaval e Etnocologia/ CNPq), do GETNO (Grupo de Estudos de Etnocologia) e colaboradora do CIRANDA (Círculo Antropológico da Dança/ CNPq). SEDUC-PA. vsfsales79@gmail.com



O INÍCIO DA CAMINHADA

Na infância, meus caminhos estavam entrelaçados entre Curuçá e Icoaraci². As férias eram em Curuçá com banhos de mar, amigos, muitas frutas, peixes e histórias de visagem. Em Icoaraci, o retorno à escola e obrigações. No Ensino Médio me encantei pela Literatura e a Segunda Geração Romântica, o Mal do Século. Mergulhei nas histórias de Álvares de Azevedo, Lord Byron, Edgar Allan Poe e os poemas de Charles Baudelaire. Segui este caminho no Curso de Letras, produzindo duas pesquisas, uma que resultou no meu TCC e outra em uma comunicação para o ENEL³ que aconteceu na UCSAL, Salvador em 2002.

Em 2005 fui trabalhar em Curuçá e me reconheci como parte daquele lugar que é a origem de meus familiares maternos. No ano de 2009 trabalhando na povoação São João do Abade conheci o frete em uma tarde em que fui instigada a sair da sala de aula para saber que frete era este que ia passar, eu já imaginava uma mudança de casa, com um caminhão levando objetos para o novo lar. Para a minha surpresa eram pessoas que carregavam um caixão para o cemitério no centro de Curuçá. Foi um momento de encontro com o meu medo da morte, que não existia na literatura.



FIGURA 1: Participantes fixos e momentâneos acompanham o frete.

Fonte: pesquisa de campo, fotografia da autora, 2012.

No mestrado em 2012 escrevi o frete como meu fenômeno de pesquisa, mas ao mesmo tempo me questionava como iria vencer os meus medos para investigar algo que eu achava estar tão distante de mim. Então busquei estudos na Etnocologia e pesquisadores que me ajudassem a pensar neste fenômeno. A pesquisa se definiu como qualitativa de cunho etnográfico, com entrevistas não estruturadas, além de pesquisa bibliográfica e documental. Situei-me como artista-pesquisadora-participante, criei uma relação com o meu fenômeno de pesquisa e continuo na temática da morte enquanto festa.

Para ver os corpos espetaculares do frete foi necessário conhecer os elementos que o compõe, suas simbologias, regras e principalmente dar conta de acompanhá-lo durante seu cortejo fúnebre. Mas a pesquisa pedia um conhecimento histórico sobre o município de Curuçá e suas relações com rituais de morte, além das religiões dos abadienses. O frete é um fenômeno que não está a nossa disposição, ele só acontece se for para alguém considerado um amigo na povoação e se for organizado pela Dona do frete e sua equipe. Foi uma investigação que mexeu com meus medos, tradições e conhecimentos sobre rituais fúnebres.

CURUÇÁ-PA

O município de Curuçá – distante de Belém cerca de 130 km – originou-se de uma missão jesuítica, tendo sua emancipação política no ano de 1757 e posteriormente passou a Villa Nova d'El Rey (FERREIRA, 2002). Curuçá teve seu início passando pela povoação São João do Abade e se fixou próximo a um braço de mar, onde hoje está o centro da cidade e a igreja de Nossa Senhora do Rosário. Local que até a metade do século XIX presenciou o Funeral Barroco que através de seu cortejo acompanhado por familiares e conhecidos do morto, párocos e a Cruz da Fábrica (estandarte com o símbolo da administração das igrejas), seguia para o sepultamento na igreja ou em seu Ádro (ao lado ou atrás).

Com a Política Higienista estabelecida no Brasil, foram criados cemitérios longe do centro da cidade pela preocupação de contaminação dos fiéis que participavam dos rituais católicos nas igrejas. Fazendo uma pesquisa no livro de óbitos nº 2 de

² Distrito de Belém.

³ Encontro Nacional dos Estudantes de Letras.

Curuçá (1826-1872) encontramos um lugar que viveu a escravidão, a presença de indígenas e portugueses. Há registro de sepultamento de anjos escravos (recém-nascidos escravos (1839))⁴, mamelucos (índios-brancos), cafuzos (índios-negros), índios, escravos (preta, mulata) e donos de escravos.

O cemitério de Curuçá é o São Bonifácio (criado em 1855) para onde se destinam curuçaenses falecidos das localidades Curuperé, Valério, São João do Abade, Muriá, Pedras Grandes, Arapiranga. Ele tem grande valor para a Arte Funerária, destacando-se por seus túmulos de estilos, particularidades e iconografias que propiciam leituras de uma sociedade curuçaense do século XIX (CAMPOS, 2014). Um lugar de memória que recebe amigos e familiares de falecidos, principalmente na Iluminação (02 de novembro) quando as pessoas irão acender velas (iluminar) à noite nos túmulos, reencontrar parentes, contar como foi o ano para o falecido, tomar manicuera⁵, comprar flores para enfeitar os túmulos, comer churrasco, vatapá, beijo de moça, tomar cerveja, deixar as crianças no pulapula... Um arraial na frente e uma festa dentro do cemitério.

O FRETE

A povoação São João do Abade fica distante do centro de Curuçá cerca de 5 km, lugar de um povo em trânsito pelo mar, para os pescadores, e pela PA-136 para ir trabalhar, estudar, passear para o centro de Curuçá ou outros municípios como Marapanim e Terra Alta. Abade de um povo corajoso que diz que lá é “para viver não para morrer”, que no ano de 1984 disse não ao projeto do ex-vereador Oscar Araújo que queria um cemitério na povoação. O povo invadiu o terreno destinado ao cemitério, construindo casas e hoje é um bairro conhecido como Sertão. A ação dos abadienses lembra o movimento da Cemiterada que Salvador-BA presenciou em 1836 quando as irmandades destruíram o Campo Santo por não aceitarem que seus mortos

não fossem mais sepultados nas igrejas e sim em um cemitério longe do centro da cidade (REIS, 1991). Abade até agora (2016), não possui cemitério e pelo que parece vai demorar muito para ser distrito de Curuçá, pois além do cemitério, não tem uma demarcação oficial (pela prefeitura), só a do povo que escolheu a ponte (em um braço de mar) para dizer onde começa ou termina a povoação.

Para o povo que é feliz vivendo em abade, o lugar escolhido como sagrado – e que mantém a morte distante deles –, é o cemitério São Bonifácio. Quando uma pessoa morre em Abade e é considerado um grande amigo, pessoa boa, conhecida, bom vizinho... Os familiares do falecido entram em contato com a Ana Lúcia Farias⁶ para cuidar do corpo morto (dar banho, aplicar formol e vestir), organizar o velório e o cortejo fúnebre. A família fica responsável pelos rituais religiosos e receber as pessoas para o velório. Como é um momento muito difícil para os familiares do morto, os amigos se solidarizam neste momento fazendo companhia no velório, doando alimentos e acompanhando o *frete* – como este funeral, organizado pela Ana Lúcia, é conhecido e reconhecido por quem sempre acompanha este ato de Amizade.

A Ana Lúcia é conhecida no frete por seu papel social Dona do frete, ela organiza: O velório chamando sua equipe de mulheres que tomam conta da cozinha para preparar os alimentos que foram doados, fazem mingau de milho e arroz, café, bolo, salgados, arroz com galinha, vatapá, peixes assados, carne cozida... Os homens que jogam baralho e dominó na frente da casa para distraírem as pessoas da dor, tanto quanto para que os visitantes permaneçam lá e a família enlutada não fique só neste momento.

No dia seguinte acontece a coleta para comprar as bebidas e o povo acompanhar o cortejo fúnebre. Amigos, familiares e a equipe do frete assumem a função de levar o morto da sua antiga casa para sua nova morada. Eles se dividem para carregar o morto em um percurso masculino e feminino, espaço demarcado por quatro homens que saem da antiga casa com o morto, depois homens se revezam para

⁴ A Lei do Ventre Livre é de 1871.

⁵ Bebida feita com o sumo da mandiocaba (mandioca doce) que é fervido e servido com arroz ou pedaços de macaxeira cozida.

⁶ Curuçaense de 45 anos, Agente Comunitário de Saúde (ACS).



levar seu amigo até o Ponto da Mangueira⁷ para que as mulheres assumam o cortejo levando o caixão até a porta do cemitério e novamente os quatro homens que o tiraram da casa, agora entrem com ele em sua última morada.



FIGURAS 2 E 3: Homens e mulheres dividem o cortejo do frete para levam o caixão até o cemitério
Fonte: Pesquisa de campo, fotografias da autora, 2013.

No São Bonifácio não entram bebidas, nem ba-gunça, é o momento da despedida. A família faz suas homenagens ao ente querido e ao final do sepultamento todos retornam cansados da cami-nhada, em sua maioria com corpos alterados pela ingestão de bebidas alcoólicas (geralmente cachaça e vinho) e exaustos da dor da despedida. Visualmente o cortejo vem com pessoas em bicicletas, outras levando e acompanhando o caixão, algumas

em motos e um ônibus com poucas pessoas (ído-sos e crianças).

A ARTISTA-PESQUISADORA-PARTICI-PANTE DO FRETE

A Etnocologia em seu significado de ETNO – sentido de diversidade cultural – CENO – para além do corpo biológico, indo para o espaço espetacular que ele se estrutura, os participantes do fenômeno em uma situação relacional na cena – e LOGIA, relacionando aprendizagem no ambiente dos praticantes (BIÃO, 2009c), proporcionou-me olhar para o frete através de seus participantes, que o reconhecem como frete – uma nomenclatura dada por Ana Lúcia Faria, que o entende como o momento que estas pessoas estão sendo fretadas (contratadas) para levar o caixão ao cemitério. Sendo que Ana Lúcia é reconhecida como Dona do frete, por organizar o mesmo.

Enquanto artista-pesquisadora-participante (BRÍGIDA, 2007) vivi o frete em uma relação de al-teridade com aquele contexto cultural que me exigia coragem para enfrentar o meu medo de ver o ca-dáver; uma preparação física para acompanhar um cortejo em que homens e mulheres ou caminhavam rápido ou corriam com o caixão; além de experi-mentar métodos para registrar o fenômeno. Para acompanhar e analisar o frete foi necessário olhá-lo em seus corpos: dimensão espacial (percurso), estrutural (velório, cortejo e sepultamento) e signi-ficado dentro de uma simbologia abadiense (regras, mitologia, tradição, divisão por gênero, funções).

Nos primeiros momentos, acompanhada da Ana Lúcia, eu era apresentada à família enlutada e tentava desmontar a minha estranheza em registrar aquele momento, conversar e comer no velório. Para minha surpresa, sempre fui bem-vinda e até virou status o frete ser registrado por mim. Era eu em conta-to com o frete, depois eu afetada por ele e ele por mim. No velório: fotografava, fazia registro dos ri-tuais religiosos, conversava e anotava curiosidades. No cortejo: fotografava, filmava e registrava as con-versas dos corpos alterados, as pessoas que davam dinheiro para comprar bebidas, o momento em que os homens trocavam e brigavam para levar o caixão, as mulheres assumindo o cortejo, participantes con-sumindo vinho e cachaça, a hora do sepultamento...

⁷ Lugar onde existia uma grande mangueira, aproxima-damente 3 km do Abade para o cemitério São Bonifácio.



Figuras 4 e 5: A artista-pesquisadora-participante leva o caixão e fica no “bar”.
 Fonte: Pesquisa de campo, fotografias de Jadson Costa, arquivo da autora, 2014.

Para registrar os participantes fixos, momentâneos, a equipe do frete, a Dona do frete, as simbologias que cada momento possui ou até de que forma o caixão deveria ser levado, as regras estabelecidas para o frete... Eu chegava exausta! No maior frete que eu vivi (SALES, 2014) fiquei com as pernas inchadas, impossibilitada de andar durante dois dias, então como resolver este problema para conseguir registrar os fretes que estavam por vir? Precisei rever o material coletado até aquele momento e percebi (e ouvi) que muitos ingeriam vinho ou cachaça para aguentar a caminhada... Decidi viver o frete somente com registros sensoriais... Vi e conversei com o morto, comi e ouvi histórias no velório. Dei coleta para as bebidas do cortejo, ingeri cachaça e percebi meu corpo alterado na rua, levei o caixão no momento das mulheres, fiquei no “bar” (fora do cemitério) bebendo e retornei para Abade no ônibus junto com os abadienses. No dia seguinte ao frete, não senti dores, nem ressaca.

CORPOS ESPETACULARES DO FRETE

A partir das relações de alteridade com o frete, percebo-o como um *macroevento*, que ultrapassa a rotina, sendo *extracotidiano*, *Espetacular* (BIÃO, 2009d), em que existem participantes *fixos* (familiares, amigos) e momentâneos (transeuntes e pessoas que assistem de suas casas o frete passar). Dentro de sua nomenclatura FRETE temos a legitimação de quem faz e participa do mesmo (BIÃO, 2009a),

com o significado de transportar o morto para sua nova morada (casa-cemitério). A Ana Lúcia Farias, que dá o nome a este fenômeno, exerce nele o papel social DONA DO FRETE, pois o organiza e estabelece-lhe regras: o percurso é dividido em feminino e masculino; não pode entrar com bebidas alcoólicas no cemitério, que é um campo santo; não pode exagerar na bebida, causar brigas e confusões; regras infringidas há a punição com a ausência em dois fretes.

Além do frete e Dona do frete (nomenclaturas estabelecidas pelos participantes do fenômeno), classifico três corpos espetaculares: CORPO-FRETADO, o corpo morto que é levado para sua nova morada em um ritual de passagem de vivo (morador do Abade) para morto (morador do São Bonifácio), sendo ele alguém muito querido na povoação e que muitos fazem questão de acompanhá-lo na sua última passagem por aquele lugar. Para quem não tem uma boa convivência em Abade, não há frete, há enterro (o caixão vai no carro da funerária, só com os familiares acompanhando). CORPOS-FRETE, os homens e mulheres que carregam o caixão nos 5 km até o cemitério, eles foram “fretados” (contratados) como um carro para fazer a mudança de residência (casa-cemitério). E a EQUIPE-FRETE que são os homens e mulheres chamados pela Dona do frete para exercerem funções no velório (tomar conta da cozinha, fazer comidas e bebidas, jogar baralho e dominó, servir os visitantes) e no cortejo (levar o caixão, fazer coleta, comprar e servir as bebidas).





Figuras 6 e 7: Corpos espetaculares no cortejo do frete.
Fonte: pesquisa de campo, fotografias da autora, 2012-2014.

Os participantes do frete nos microeventos cotidianos, na Teatralidade (BIÃO, 2009d), interagem no dia-a-dia com uma consciência mais ou menos clara do olhar do outro, sendo estes pescadores, professores, agentes comunitários de saúde, estudantes, donas de casa, garis, comerciantes, peixeiros. Já na Espetacularidade, que é a consciência reflexiva, clara do olhar do outro e de seu olhar para apreciar a alteridade (BIÃO, 2009b, p. 93), eles são carregadores de caixão, garçons e garçonetes, visualizados em seus corpos sóbrios ou alterados pela ingestão de vinho ou cachaça, que correm, gritam e interagem entre si na rua.

A PESQUISA CAMINHANTE

O frete passou por minha vida para mudá-la, não era só aquele corpo-fretado que mudava de casa, levado pelos corpos-frete e comandado pela Dona do frete. A minha mudança de Icoaraci para Curuçá se concretizava naquele momento, era a mudança que me chamava e, quem me guiou neste caminho foi a Etnocologia, conduzindo-me a viver este fenômeno em toda a sua estrutura, regras, simbologias e história. O mergulhar em documentos, bibliografias e entrevistas que me contaram que Curuçá vive outras relações com os rituais fúnebres antes do século XIX e como herança, permanece o frete e a Iluminação. Conhecimentos necessários para se discutir a amizade por alguém que queremos acompanhar até seu último momento, a maneira como essa despedida se dará e que formas utilizaremos para esquecer a dor da perda.

Mudei de casa, de concepção e recepção de rituais fúnebres, mudei meus medos, amigos se mudaram durante a pesquisa do frete⁸. Foram muitas mudanças, muitas caminhadas em uma pesquisa que me instiga sempre e me convida a caminhar com ela. O frete me convidou novamente, não mais para conhecê-lo, agora é o momento da volta. No ano de 2016, durante os fretes que aconteceram no carnaval, misturados aos blocos carnavalescos, o retorno a Abade foi caminhando, dançando e bebendo, acompanhados de carros ou bicicletas som. O bloco que retorna com os corpos-frete recebe o nome inspirado em seu fundador (o corpo-fretado), o primeiro a sair foi o ENTERRA ELA, depois foi o ENTERRA PINTO, de um senhor conhecido como Pinto e por último foi o EN-GOMA ELA, de uma senhora que vendia tacacá⁹. Sendo assim, retornarei a Abade acompanhando a volta do frete em sua pesquisa caminhante!

⁸ O maior frete que vivi foi do ex-vereador Oscar Araújo, meu pesquisado, que se transformou em amigo durante a pesquisa e companheiro de fretes.

⁹ Bebida feita com a goma (tapioca cozida da mandioca), tucupí (sumo cozinho da mandioca), jambú cozido (folha que dá uma dormência na boca) e camarão salgado, tudo servido quente em uma cuia.

Referências Bibliográficas

- BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho. Um léxico para a etnocenologia: proposta preliminar. In: _____. *Etnocenologia e a cena baiana: textos reunidos*. Prefácio de Michel Maffesoli. Salvador: P & A gráfica e Editora, 2009a, p. 33-43.
- _____. Aspectos epistemológicos e metodológicos da etnocenologia: por uma cenologia geral. In: _____. *Etnocenologia e a cena baiana: textos reunidos*. Prefácio de Michel Maffesoli. Salvador: P & A gráfica e Editora, 2009b, p 89-94.
- _____. Estética performática e cotidiano. In: _____. *Etnocenologia e a cena baiana: textos reunidos*. Prefácio de Michel Maffesoli. Salvador: P & A Gráfica e Editora, 2009c, p. 123-139.
- _____. Teatralidade e espetacularidade. In: _____. *Etnocenologia e a cena baiana: textos reunidos*. Prefácio Michel Maffesoli. Salvador: P & A Gráfica e Editora, 2009d, p. 161- 168.
- BRÍGIDA, Miguel de Santa. A Etnocenologia como desígnio de um novo caminho para a pesquisa acadêmica – ampliação do modo e lugar de olhar a cena contemporânea. In: BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho (org.). *V Colóquio de Etnocenologia*. Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas. Salvador: Fast design, 2007, p. 199-203.
- CAMPOS, Kleber Douglas Neves de. *Arte Funerária: eternização social no cemitério São Bonifácio de Curuçá/PA*. 2014. 57 f. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais- PARFOR). Universidade Federal do Pará- Instituto de Ciências da Arte, Castanhal, 2014.
- FERREIRA, Paulo Henrique dos Santos. *Fragments históricos de Curuçá*. 1ª Edição, volume 1. Castanhal-Pará: Graf-Set, 2002.
- REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- SALES, Valéria Fernanda Sousa. *Lágrimas e cachaça: a espetacularidade do cortejo fúnebre do frete em São João do Abade, Curuçá-PA*. 2014. 117 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Belém do Pará, 2014.

